

A VIA-CRÚCIS DE G.H.: O AVESSO DA PAIXÃO BÍBLICA EM CLARICE LISPECTOR

YU, JingFang¹; CUNHA, João Manuel dos Santos²

¹Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras – Português/Francês e respectivas literaturas – UFPel; bolsista PIBIC-CNPq 2010-2011, integrante do Grupo de Pesquisa “Literatura comparada: interdisciplinaridade e intertextualidade”; yujingfang@gmail.com

²Doutor em Letras; professor de Literatura na Centro de Letras e Comunicação - CLC, UFPel; profjoaomanuel@terra.com.br

1 INTRODUÇÃO

O presente resumo apresenta sucintamente aspectos da discussão e de conclusões alcançadas pela investigação “Intertextualidade e paródia: a paixão segundo Clarice Lispector”, vinculada ao projeto de pesquisa institucionalizado “Literatura brasileira contemporânea: fluxos e influxos transtextuais”, coordenado pelo professor João Manuel dos Santos Cunha, no âmbito das atividades de pesquisa realizadas junto ao Grupo de Pesquisa CNPq-UFPel “Literatura comparada: interdisciplinaridade e intertextualidade”.

O texto integral, resultante da pesquisa, estruturado como artigo a ser veiculado em publicações acadêmicas, denominado “A via-crúcis de G.H.: o avesso da paixão bíblica em Clarice Lispector”, tem como objetivo principal verificar as relações intertextuais da obra *A paixão segundo G.H.* (1964) com textos da Bíblia (o Velho e o Novo Testamento). Foram consultadas, como suporte teórico para as reflexões desenvolvidas durante a produção da pesquisa, as categorias teóricas da intertextualidade propostas por Gérard Genette (1982), sintetizadas na postulação de que o estudo das relações intertextuais ocupa-se de “tudo aquilo que coloca [um texto] em relação manifesta ou secreta com outros textos” (1982, p. 12). Por outro lado, ainda no espectro da reflexão sobre a questão da intertextualidade, buscou-se aplicar ao exercício de leitura comparada o conceito de paródia, atualizado pelos estudos pós-modernos, a partir de elaborações teórico-críticas de Linda Hutcheon (1985).

2 METODOLOGIA

Leitura comparada dos textos acima citados, realizada por meio da investigação das relações intertextuais existentes entre eles, a partir do suporte teórico identificado em obras listadas na bibliografia.

3 DISCUSSÃO

A paixão segundo G.H. é o primeiro romance de Clarice Lispector narrado em primeira pessoa. A narradora-personagem G.H. relata sua dolorosa experiência de despersonalização para alcançar a própria identidade. Tal experimentação, construída de forma sofrida em linguagem literária, pode ser lida como a trajetória-paixão de G.H., por meio de um processo de autoconhecimento que levaria à transcendência existencial e se igualaria, às avessas, da forma como é narrada no texto bíblico, à própria paixão de Cristo, o qual abandona sua divindade para assumir a condição do humano.

Segundo Genette, a intertextualidade é “a presença efetiva de um texto em outro texto. Estudar a intertextualidade é analisar os elementos que se realizam dentro do texto”(1982). Ainda, segundo o teórico francês, a paródia “consiste na retomada de um texto conhecido para lhe dar um novo sentido ou mesmo desligá-lo de seu contexto e de seu nível de dignidade.” (1982) Em *A paixão segundo G.H.*, o título-paratexto já aponta o seu intertexto, com o qual a narrativa pretende dialogar: o texto bíblico.

G.H. é artista plástica, moradora da Zona Sul do Rio de Janeiro, que resolve, numa certa manhã, arrumar o quarto da empregada que se demitira. Ela se levanta da mesa do café e, dali, caminha em direção à última peça do apartamento, espaço da arquitetura cotidiana a que não estava afeita. Nessa travessia, G.H. parte do seu espaço de confortabilidade diuturna e dirige-se para o corredor escuro, que conduz ao quarto da ex-empregada. Percorre o corredor, entra e surpreende-se com a limpeza do quarto. Ao inspecionar a peça, olha pela estreita porta do guarda-roupa e se confronta com uma barata, esmagada por ela ao abrir o armário. Obedecendo a impulso que busca não racionalizar, prova da massa branca expelida pelo inseto, atingindo o estado de ânimo que possibilita a culminância de uma revelação, a ocorrência de uma epifania. Desde o momento de sua saída do mundo conhecido até a entrada em um mundo não experimentado, realiza-se a passagem por um difícil e sofrido processo de despersonalização, eis que G.H., ao renunciar ao espaço do conhecimento, desorienta-se, confrontando-se com seu “eu” impessoalizado. Dessa maneira, trilha sua via dolorosa para unir-se a uma entidade desconhecida, que não é mais representada por um deus transcendental, providencial, mas por um deus imanente, que existe no real, no “instante já”; ou seja, no tempo do agora, que “toma conta do ser”, na linha do pensamento filosófico de Martin Heidegger (2006):

Eu estava habituada somente a transcender. Esperança para mim era adiamento. Eu nunca havia deixado minha alma livre, e me havia organizado depressa em pessoa porque é arriscado demais perder-se a forma. Mas vejo agora o que na verdade me acontecia: eu tinha tão pouca fé que havia inventado apenas o futuro, eu acreditava tão pouco no que existe que adiava a atualidade para uma promessa e para um futuro. Mas descobro que não é sequer necessário ter esperança (2009, p.146).

Ao atravessar o iluminado apartamento, penetrando aos poucos no escuro do quarto da empregada, confrontando-se, simbolicamente, com a essência da barata, G.H. afasta-se, gradualmente e dolorosamente, de sua humanidade, sua identidade anterior. Este percurso aflitivo, com as sucessivas paradas, remete-nos à via-crúcis do Cristo bíblico. Ao contrário, porém, da desumanização dolorosa de G.H., a paixão de Cristo, narrada nos quatro Evangelhos (“A Paixão de Cristo”, segundo Mateus, Marcos, Lucas e João), entende-se que, por deixar sua condição divina, Jesus assume nossa-sua humanidade até o extremo: a morte. Pensada assim, a paixão de G.H. pode ser lida como o avesso da paixão bíblica.

A paixão de G.H. não se explicita somente na experiência vivida por ela na iluminada manhã brasileira, mas também no sofrimento da tarefa de narrar sua vivência, na complexidade de elaborá-la em discurso, em texto, por meio de linguagem. O romance inicia formalmente pela explicitação de uma busca, evidenciando confusão de ideias e a presentificação da sua dificuldade em compreender e em verbalizar o vivido:

Estou procurando, estou procurando. Estou tentando entender. Tentando dar a alguém o que vivi e não sei a quem, mas não quero ficar com o que

vivi. Não sei o que fazer do que vivi, tenho medo dessa desorganização profunda. Não confio no que me aconteceu. Aconteceu-me alguma coisa que eu, pelo fato de não a saber como viver, vivi uma outra? (2009, p. 9).

A personagem desconfia da prática discursiva, questionando a natureza da linguagem e, conseqüentemente, problematizando-se como sujeito de linguagem, ao mesmo tempo em que busca conectar-se com o mundo em que vive. Para resolver esse desencontro entre organização e desorganização do mundo pela linguagem, e compreender o sentido do próprio existir, é preciso encontrar uma outra forma de expressão que dê conta da humana tarefa. Mas esse caminho na busca pela linguagem não é percorrido com facilidade. Aos poucos, G.H. compreende que a missão secreta de sua vida é humildemente assumir a própria mudez, e o caminho sacrificante de busca termina no silêncio e na desistência:

Eu tenho à medida que designo – e este é o esplendor de se ter uma linguagem. Mas eu tenho muito mais à medida que não consigo designar. A realidade é a matéria-prima, a linguagem é o modo como vou buscá-la – e como não acho. Mas é do buscar e não achar que nasce o que eu não conhecia, e que instantaneamente reconheço. A linguagem é o meu esforço humano. Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias (2009, p.176).

Não há outra escolha a não ser a de desistir: “A insistência é o nosso esforço, a desistência é o prêmio” (p.176). É por meio do malogro da voz, que se ouve a própria mudez, aceitando-a como uma possível linguagem. Viver e aceitar esta condição seria a humana paixão: “Desistir é o verdadeiro instante humano. E só esta é a glória própria de minha condição. A desistência é uma revelação” (p.176).

Formalmente, a narrativa inicia e termina com uma séria de travessões, e a frase final de cada capítulo se torna a frase inicial do capítulo seguinte. Por meio dessas repetições, constroi-se uma ininterrupta continuidade da introspecção da personagem. Dessa forma, G.H. formaliza sua trajetória de busca ao longo da narrativa, cujo início, marcado por uma profunda desorientação, pode ser compreendida como um retorno, uma continuação do seu final, igualmente mergulhado no silêncio e num estado de desorientação. Assim, o texto se conforma em círculo, repetindo ininterruptamente a sucessão de tentativas e desistências do homem em encontrar sua essência e em produzir sentido para o que vive.

4 CONCLUSÃO

O que se constata, na direção desse entendimento, é que *A paixão segundo G.H.* dialoga com a Bíblia de forma paródica, retomando o discurso bíblico e interpretando-os sob o viés do humano hoje, para produzir sentido desafiante para o que está posto secularmente, atualizando o imaginário estabelecido pelo texto milenar por meio da vertente da “paródia questionadora” (Hutcheon, 1985). Por essa via, G.H. tenta compreender a experiência vivida através do ato de narrar. Isso, porém, não é feito de forma fácil: ela narra com dificuldade, pois não confia no seu discurso e questiona a própria linguagem, que lhe parece incapaz de cumprir tal desígnio. Ao negar a linguagem, como ato criador, negaria o próprio ato do Criador, um deus transcendental. Para ela, deus é o que existe: “O divino para mim é o real” (p.167). Dessa forma, subverte o que está disposto no texto bíblico, afirmando: “Só então minha natureza é aceita, (...) já que ela é o que existe, e não outra. E já que

vivê-la é a nossa paixão. A condição humana é a paixão de Cristo” (p.175). Sendo assim, o penoso exercício da linguagem é a dolorosa via dessa paixão.

5 REFERÊNCIAS

- GENETTE, Gérard. [1982] **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Extratos traduzidos do francês (*Palimpsestes: la littérature au second degré*, 1982) por Luciene Guimarães e Maria Antônia Coutinho. Belo Horizonte: PostLit – FALE/UFMG, 2006.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2006.
- HUTCHEON, Linda. **A theory of parody**. New York: Methuen, 1985.
- LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 2009.